

A BOBA

42º aniversário do Teatro Experimental de Cascais
120ª produção / Março 2008

próxima produção: **João Bosco**, *rebelde sonhador*
um original de Maria do Céu Ricardo
e Hugo Reis

encenação **Carlos Avilez**

dramaturgia **Maria João da Rocha Afonso**

realização plástica **Fernando Alvarez**

canções originais **Luís Pedro Fonseca**

coreografia **Natasha Tchitcherova**

consultadoria de prestidigitação **Fernando Marques Vidal**

fotografias de cena e cartaz **Susana Paiva**

consultadoria musical **Vítor Carneiro**

luminotecnia e direcção de montagem **Manuel Amorim**

sonoplastia e montagem **Augusto Loureiro**

contra-regra e montagem **Rui Casares**

assistência de ensaios **Jorge Saraiva**

elaboração de programa **Fernando Alvarez**

Maria João da Rocha Afonso

manutenção de guarda-roupa **Virgínia Pão-Mole**

mestra de guarda-roupa **Teresa Louro**

execução de guarda-roupa **Maria José Baptista, Natália Ferreira,**

Palmira Abranches

assistência ao espectáculo **Rafaela Leonardo**

colaboração **João Vasco** (*voz off*)

agradecimentos

Eugénia Vasques

Júlio Conrado

Maria Leonor Machado de Sousa

Pedro Tamen

Maria Vieira em

A BOBA

de **Maria Estela Guedes**

MEMÓRIAS

Tudo começou em 1956 quando entrei para a Companhia Amélia Rey-Colaço – Robles Monteiro e vi pela primeira vez *Castro*.

Mais tarde comecei a minha carreira de encenador com o mesmo texto de António Ferreira na Sociedade Guilherme Cossul. A partir daí tudo se alterou na minha vida profissional.

Com *Pedro, o Crú* de António Patrício, o meu novo encontro com o Teatro Nacional D. Maria II.

Em Cascais, *Inês de Portugal* de Alejandro Casona.

Voltei a encontrar este tema na ópera de Persianni . Com ele regressei ao mundo da ópera.

Também foi com as Comemorações Inesianas que regressei às grandes produções nacionais.

É mais uma aventura que agora vai estrear que me faz voltar à Quinta das Lágrimas, ao Mosteiro de Alcobaça e ao Castelo de Montemor-o-Velho.

Estou grato à Professora Maria Leonor Machado de Sousa, à Maria João e ao Fernando Alvarez.

João Vasco sugeriu-me um dia o nome de Mirita Casimiro, depois Ivone Silva e agora Maria Vieira. Foi ele também que me trouxe o texto de *A Boba* de Maria Estela Guedes que lhe tinha sido entregue pelo escritor Júlio Conrado.

Como sempre, estou-lhe grato.

Tem sido uma caminhada estranha, interessante e perturbadora.

Mais uma *Castro*. Agora e sempre com os meus colaboradores e os meus técnicos e amigos. E ainda :

Maria Vieira, profissional, actriz, mulher e ser humano que muito admiro e que tem sido para mim uma confirmação e uma surpresa; Maria Estela Guedes, companheira nesta aventura com a sua fascinante personalidade, e Susana Paiva, com as suas imagens que fazem e farão parte das minhas memórias.

Esta *Inês*, rebelde como sempre, provocadora como nunca e com a mesma inquietação nos caminhos de Coimbra e Alcobaça. Um caminho que ainda não acabou mas que não sei quando e como continua!

Espero uma nova oportunidade de me apaixonar novamente por *Inês de Castro*.

Carlos Avilez

6 de Março de 2008

Teatro Municipal Mirita Casimiro

Cruzeiro - Monte Estoril

Quarta a Sábado 21.30h Domingo 17.00h

Bilhetes à venda no Teatro

Teatro Tel: **21 467 03 20** / Fax: **21 466 03 44**

Escritório Tel.: **214 867 933**

e-mail: t.e.c@netcabo.pt • *site:* www.tecascais.org

até 13.Abril

Duração: 1h20m sem intervalo
Maiores de 16 anos

ERRO E VERDADE N' A BOBA

A Boba tem de momento três edições, todas diferentes, se bem que as variações sejam mínimas: a electrónica, no TriploV (www.triplov.org); a da Apenas Livros Editora (*A Boba*, Lisboa, 2006) e da Escrituras Editora (*Tríptico a Solo*, São Paulo, 2007). E existe ainda o guião da peça que está a ser montada pelo Teatro Experimental de Cascais.

Qual a verdadeira Boba? – seria caso de perguntar. Algumas variantes podem implicar erros ou gralhas involuntários. O erro não deve ser interpelado quanto à sua verdade, pois não existe nele intenção de deturpar factos. Por exemplo, na edição da Escrituras escapou um erro: por duas vezes se diz qual dos conselheiros de Afonso IV avisou D. Pedro de que havia deliberação de matar D. Inês. De uma das vezes saiu o nome de outro dos nobres que mais tarde D. Pedro mandou executar. Ora nem eu nem a Boba sabemos se é verdade que alguém avisou repetidamente que D. Inês ia ser assassinada. O que sabemos é que a História declara que foi Diogo Lopes Pacheco quem o fez. Uma coisa é o que está escrito e outra o que aconteceu. Sem desprimor para Fernão Lopes, nada garante que tenham de facto acontecido os factos que ele regista na *Crónica de D. Pedro I*, minha principal fonte historiográfica. Ele nem sequer é contemporâneo do que narra. Eu acredito na probidade do velho cronista, porém quem garante que sejam fidedignas as suas fontes?

Nesta questão da verdade, só posso garantir que *A Boba* é uma ficção construída a partir de informações da História e da Literatura no seu lado inesiano. No lado “A Bela e o Monstro”, conta a informação oriunda sobretudo dos teratologistas da primeira metade do século XX, como Pires de Lima, Themido, Lombroso e Barbosa Sueiro. Os anões como Maria Miguéis, a Boba, eram casos habitualmente estudados por estes cientistas.

Maria Miguéis relata e comenta episódios da vida e morte de D. Pedro I e de D. Inês de Castro. Existe, naturalmente, um fundo de vivido na peça, que eu diria ser o meu: a minha experiência de vida e a minha experiência de leitura. Quanto à informação, a percentagem de obras historiográficas consultadas sobre o assunto foi ínfima, em comparação com as literárias. Só uma obra de História me acode à lembrança, a *Crónica de D. Pedro I*. Obras literárias que se inspiraram no tema são às centenas, em Portugal e no estrangeiro, em todas as épocas, disso sendo espelho a minha peça.

Vem este assunto a propósito dos ensaios, pois acontece às vezes fazerem-me perguntas às quais dou resposta fora do enquadramento dramático, e só mais tarde reparo nisso.

- Então a cena do bispo do Porto está no Fernão Lopes?! Se está, é porque é verdade...

- Ah, sim, é verdade! - assevero.

Não, querida Maria Vieira, nenhuma de nós deve fazer confusões, é perigoso sacralizarmos a palavra, só por estar impressa. Agustina Bessa-Luís, que leu tudo ou quase sobre Pedro e Inês, declara que “A História é uma ficção controlada”. Salvo as invenções da nossa imaginação criadora, que, no caso, a bem dizer se limitam à construção de uma personagem e seu discurso, todas as informações prestadas na peça têm origem na palavra impressa. Mas eu, pessoalmente, nem estabeleço grandes distinções de valor entre a informação histórica e a romanesca. Tanto vale Fernão Lopes como Agustina, António Cândido Franco, Herberto Helder ou Bocage. Aliás, predomina até na comédia uma visão agustiniana da tragédia. A Boba mostra que a história de Pedro e Inês não foi construída pelos historiadores, sim pelos escritores. A sua verdade é poética, e por isso sobrevive.

Maria Estela Guedes

Fevereiro de 2008

Membro da Associação Portuguesa de Escritores, do Centro Interdisciplinar da Universidade de Lisboa (CICTSUL) e do Instituto São Tomás de Aquino. Directora do TriploV. Alguns livros publicados: *Herberto Helder, Poeta Obscuro*; *Eco/Pedras Rolantes*; *Crime no Museu de Philosophia Natural*; *Mário de Sá-Carneiro*; *A_maar_gato*; *Ofício das Trevas*; *À la Carbonara*; *Tríptico a solo*. Espectáculos levados à cena: *O Lagarto do Âmbar* (Fundação Calouste Gulbenkian, 1987); *A Boba* (Teatro Experimental de Cascais, 2008).

MAS... NÃO A TINHAM ASSASSINADO?

Afirmam que sim. Mas a verdade é que, 653 anos após a, sabemos-lo hoje, fictícia data da morte da dama galega, a morta mais viva da cultura portuguesa regressa ao nosso convívio em mais uma renovada perspectiva.

A história de Inês já foi contada e recontada de muitas e variadas formas: do ponto de vista de D. Pedro, de D. Constança, de Afonso IV, de servos e criados, de Afonso Madeira, de Pêro Coelho... Inês vive ainda na poesia, na ópera, no cinema, na prosa, na escultura, na pintura, no teatro, mais viva que morta, actuante e de ímpar importância na lusa forma de amar.

“A História é uma ficção controlada”. Será? Ou será que a lenda tomou há muito o lugar da História na forma como nos faz chegar os ‘factos’ que envolveram a Colo de Garça?

Diz-nos a História, pela pena do Conde de Sabugosa em *História Genealógica*, que D. Beatriz mandou “a Maria Miguéis anã, trezentas libras” em testamento. E é essa boba, essa figura menor em vários sentidos que Estela Guedes escolhe alcandorar à posição de, mais do que protagonista, motor de uma história que todos afirmamos conhecer. Conhecemos?

A figura desprezada e socialmente insignificante “também tem direito à História”, proclama a certo momento. À que viveu, à que afirma ter decidido. Foi ela, a pessoa usada por todos qual objecto de uma domesticidade quotidiana, que se deixa em testamento aos filhos, quem puxou, afirma, os cordéis de um assassinato que marcaria até hoje a face da cultura portuguesa.

Percorrendo tempos e vozes, atravessando perspectivas várias, a Miguéis – pois assim se chama – apresenta-se perante os nossos olhos para repor a inesperada verdade de um feito que todos pretendemos conhecer tão bem.

Dominando um espaço que a outros pertence, a um tempo visível aos nossos olhos e invisível aos dos seus contemporâneos, a margem de manobra e capacidade de manipulação de que afirma gozar revelam-se muito para além do que estaríamos à espera. Minúscula num mundo gigantesco, vivendo perto dos grandes com a função de os entreter e a quem é permitida uma liberdade de expressão imperdoável noutros casos, é a um tempo espelho e agente de acções cuja responsabilidade a outros pertence. Sem nunca fazer concessões, goza do privilégio – que o estatuto de louca/boba tristemente concede – de lhe ser permitido colocar a verdade à frente dos olhos de (quase) todos, mantendo-se apartada dela: “Não sou igual a vós, não reproduzo os vossos valores.”

O ser repelente e usado é também senhora de emoções que revela: crítica em extremo perante o poder, revela uma afeição sincera pelas suas três senhoras – Beatriz, Inês e Teresa Lourenço – que a tomaram por companheira. É com lucidez que olha para os bastidores do poder, uma vez que lhes conhece as fraquezas e os podres. Com a mesma lucidez analisa-se e expõe-se aos nossos olhos no que tem de mais ridículo. Inveja e ciúme das três mulheres junto de quem viveu? De Inês provavelmente, sim. Mas não é com amargura que Miguéis fala dela: é com carinho, com pena, com uma atitude calorosa que encontra na recordação dos dias felizes da Atouguia a expressão mais clara.

Pessoa levada ao limite da sua resistência pelo pouco caso que dela fazem, Miguéis vem reivindicar o seu lugar na História. O lugar que lhe pertence, afirma. E reduzir à sua insignificância de joguetes da Fortuna os grandes que, a seu tempo, julgaram dominar o mundo: “Dou-vos gozo com o punhal da língua...”

Fiquemos então com a Miguéis que, vinda do caixote da reciclagem, se senta, senhora e dona, no ponto de controlo de toda a situação, antes de voltar ao nada de que veio.

Maria João da Rocha Afonso

Fevereiro de 2008

A close-up portrait of Maria Vieira, a woman with short, dark hair, looking slightly to the right with a subtle, thoughtful expression. The lighting is soft and focused on her face, set against a dark, almost black background.

MARIA VIEIRA

“É, apetece-me ficar por aqui... Por mim e não por ti... Por mim, que também sou gente. Por mim, que gosto e não gosto de ti”...

in A BOBA

Estreou-se como atriz no extinto Teatro Adóque em 1981, na peça *Paga as Favas*. A sua interpretação valeu-lhe o Troféu Nova Gente como Revelação do Teatro de Revista, tendo recebido o prémio de Imprensa para Teatro Ligeiro. Ainda no Teatro Adóque, participou numa peça infantil – *O Teatrinho* – e fez parte da última revista ali apresentada – *Está Entregue à Bicharada*.

Em 1983, sob a direcção de Filipe La Féria, integrou o elenco do musical *Marlowe* na Casa da Comédia, que viria a ser considerado o melhor espectáculo musical desse ano.

Trabalhou com Fernando Gomes no Teatro do Século, levando a cena vários Cafés-Concerto dos quais se destacam *Drácula Júnior*, *Metro-Cabaret* e *Goodbye SéculoXX*.

No Teatro Maria Matos participou no musical *Enfim Sós*. Mais tarde, em 1991, integrou a Companhia Teatral do Chiado, onde trabalhou sob a direcção de Mário Viegas, na peça *A Birra do Morto* e no espectáculo infantil de sua autoria – *O Cantinho de Maria*.

No Teatro ABC, protagonizou a revista *Lisboa Meu Amor*. Na Sala Nobre do Teatro Politeama participa no Café-Concerto *Uma Noite no Paraíso* da autoria de Fernando Gomes e, mais tarde, integra o elenco de *Rosa Tatuada* de Tennessee Williams, sob a direcção de Filipe La Féria.

Em 2006, no Teatro Villaret, com Ana Bola, Maria Rueff, Miguel Guilherme e Bruno Nogueira, leva a cena a comédia *Avalanche* da autoria de Ana Bola.

Tem um extenso currículo em televisão, onde começou por trabalhar com Júlio Isidro em programas como *Festa é Festa*, *A Festa Continua* e *Arroz Doce*, iniciando posteriormente uma longa relação profissional com Herman José, participando em *Humor de Perdição*, *Casino Royal*, *Crime na Pensão Estrelinha* e *Herman SIC*. Protagoniza as séries *Giras e Pirosas* na SIC e *Trapos e Companhia* na TVI. Também na SIC, estreia-se como apresentadora de televisão, conduzindo o programa *Encontros Imediatos*. Faz parte do júri dos programas *Tal Pai, Tal Filho* na RTP e *Mini-Chuva de Estrelas* na SIC e trabalha com João Baião no popular programa *Big Show SIC*.

Participou em comédias televisivas das quais se destacam *A Bisbilhoteira*, onde foi dirigida por Carlos Avilez e *A Maluquinha de Arroios*, *O Fusível* e *Paris-Hotel* encenadas por Filipe La Féria.

Actualmente, integra o grupo de actores residentes do programa *Portugal no Coração*, na RTP, apresentado por Tânia Ribas de Oliveira e João Baião.

É, juntamente com o seu marido - Fernando Rocha - co-autora de três livros de viagens: *Viagens da Parachita*, *As Minhas Viagens* e *Às Voltas com o Mundo*.

Tenho cinquenta anos de vida, 26 dos quais foram passados sob a pele de mil personagens que desfilaram através de vários palcos, estúdios de televisão e alguns cenários cinematográficos. Foi por trás dessas máscaras que passei alguns dos momentos mais felizes da minha existência. Com elas fiz rir e às vezes chorar, com elas menti e por vezes falei verdade, com elas brinquei, amei e até morri. Sou atriz e não sei ser mais nada. Quando comecei, tinha um saco cheio de sonhos que fui realizando ao longo dos anos, lentamente, porque eu gosto de saborear os sonhos devagar e com a ponta da língua...

Esta BOBA é o meu sonho mais recente. Encontrei-o inesperadamente, algures, num canto escondido do meu saco de sonhos, em forma de convite, endereçado pelo Carlos Avilez. É um desafio do tamanho do mundo que eu abracei apaixonadamente.

Com a Maria Miguéis tenho uma única coisa em comum: ambas somos pequenas (por acaso até sou um bocadinho mais alta que ela, mas isso agora não vem a propósito). De resto, a Maria Miguéis tem pouco a ver com a Maria Vieira que eu julgo conhecer.

A Miguéis é uma anã com alma de gigante. Um gigante maquiavélico! É uma mulher frustrada, traiçoeira, ciumenta, cínica e revoltada com a sua condição de objecto, repetidamente utilizado para o prazer e conforto alheios. Feliz daquele (neste caso daquela) que for escolhida para lhe dar vida. Sim. É verdade. Eu estou muito feliz por ser a Maria Miguéis. E rejubilarei se porventura vos conseguir transmitir os sentimentos que a atormentam.

Sobre este espectáculo, nada mais revelarei. Pouparei nas palavras aquilo que pretendo esbanjar em emoções. Daqui a pouco, o meu coração estará nas vossas mãos. Estimai-o.

Termino deixando uma nota muito especial para uma pessoa em particular, invertendo, por assim dizer, um famoso ditado popular: “por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher”... No caso desta BOBA, devo dizer que: “por trás de uma mulher pequena, há sempre um grande homem” e esse homem chama-se Carlos Avilez, que comigo partilhou a sua experiência, traduzida em doses maciças de sabedoria, sensibilidade e bom gosto, ajudando-me desse modo a moldar e a construir esta personagem simultaneamente tão simples e tão complexa.

As minhas últimas palavras vão inteirinhas para a Maria Estela Guedes, a autora deste brilhante monólogo que agora, com a minha modesta ajuda, vê a sua BOBA ganhar asas e voar para lá das palavras que escreveu; para o Fernando Alvarez – cenógrafo e figurinista desta peça – cujo talento poderão em breve testemunhar e, finalmente, para o Luís Pedro Fonseca pelas perfumadas notas musicais que, aqui e ali, se encarregam de embalar o meu sonho...

Obrigada por terem vindo.

AUTO-RETRATO DA BOBA

OU A NOITE DO MEDO

1ª parte

Estela Guedes, poeta, investigadora e artista plástica envia-me de Britiande, lugar de ressonâncias medievais, mais uma peça para fazer crescer, e levedar, o mito, também ele medieval, dos amores de Pedro e Inês, no ano logo a seguir ao das comemorações do 650º aniversário da morte de Inês de Castro. O último texto teatral criado por uma dramaturga, entre nós, Fiama Hasse Pais Brandão, fora *Noites de Inês-Constança*, publicado, justamente em 2005, uma peça-tese em três actos e um epílogo que discute, em sede de filosofia poética, a natureza do amor e a natureza, diversa, de Homens e Mulheres.

A proposta dramática de Estela Guedes de medieval tem (porque tem) alguma coisa. Mas, irónica contraparte ao mito inesiano, oriunda da era da Tecnologia, esta «volta» da poeta de Britiande é, como as *Trovas à Morte de Inês de Castro*, do rotundo Garcia de Resende, um exercício para uma voz – um monólogo, portanto –, dividido, com o humor surrealizante que caracteriza a autora de *Ofício das Trevas* e *Lagarto do Âmbar*, em quatro partes inquietas: Primeira Insónia, Segunda Insónia, Terceira Insónia e um Despertador. O conteúdo das «partes» tece uma interpretação e (parcial) desconstrução do mito com recurso ao apoio, não despiciendo, de alguns confrades: Agustina Bessa Luís, António Cândido Franco, António Ferreira, Bocage, Fiama, Resende, Herberto Helder, Camões e até com a validação de cronistas e historiadores como Fernão Lopes ou o Conde de Sabugosa, Gondin da Fonseca ou o inesperado tergiversador Alfred Poizat.

Mas, para além das citações mais explícitas, o bragal desta anã monologante é tecido ainda com fios que ligam *A Boba* quer a uma directa memória romântica (para além do título, reconhecível, a tensão entre o grotesco e a linguagem escatológica da Miguéis e o sublime do mito, que abocanha, conduzem este exercício literário para o paradigma do drama burguês que Victor Hugo teorizou, reinventou e dirigiu) quer a uma indirecta contaminação com a estética literária medieval (na mistura da prosa com o verso, por exemplo), que Anrique da Mota representou em texto sobre Inês a que Jorge de Sena atribuiu o papel de «elo da transformação literária de Inês, entre Garcia de Resende e António Ferreira...[,] elo de ligação entre Resende e as crónicas e a utilização que as contaminações castelhanas... farão de Inês».

2ª parte

Apesar de ser um texto desmistificador, *A Boba* mantém do mito inesiano alguns traços distintivos relevantes. No entanto, a Miguéis é, acima de tudo, um «produto reciclado» - mais uma vez irónica auto-justificação da sua natureza de tecido com «remendos», em artístico (e manual) *patchwork*, de outros textos, de crónicas, de ficções e de comentários –, que, por via de ser memória «alternativa» aos ficheiros oficiais, ela que só alcança (como eu) as notas de rodapé da História, se volve numa narradora, num veículo de fala, numa comentadora-rapsoda que, ao modo romântico, dá voz aos excluídos da Terra, aos *freaks* do Universo: os anormais e os monstros.

Esta é a vertente social deste texto que define, entretanto, a responsabilidade da palavra na política e aproveita a voz de a Boba para fazer as contas, à maneira do teatro de circunstância vicentino (veja-se, aliás, o eco de Maria Parda em falas da Miguéis) com o tempo e a nossa (e a da autora) circunstância, sobretudo no que diz respeito à liberdade de expressão e aos artistas, seus usufrutuários.

3ª parte

A matéria do mito privilegiada neste texto teatral é, sobretudo, aquela matéria não-prima, matéria expelida e recolhida pelo azedume da anã coisificada nas notas de rodapé da História. Ele são os ciúmes que D. Afonso IV teria do filho – o tal complexo de Édipo invertido tão ao gosto de Maria Miguéis –, ele é o pavor que Pedro tinha do pai violento – causa da sua gaguez e da sua incontinência na cama –, ele é a pedofilia de Afonso IV e a sua homossexualidade, que terá sido, segundo as insinuações de Miguéis (e de Fernão Lopes!), partilhada por D. Pedro, ele é, finalmente, as mentiras e a infidelidade de D. Pedro e a sua cobarde fuga de Coimbra para não ter de assistir ao assassinato de Inês.

A anã Miguéis, objecto de prazer e de conforto de Afonso e Pedro e objecto de posse senhorial no decorrer da História de Portugal, vangloria-se permanentemente, de ser a VERDADEIRA causa próxima da tragédia de Inês de Castro! Confidente das vergonhas e falsetas de todos os heróis mitificados, Maria Miguéis tem ciúmes da beleza da galega. E por isso instiga Afonso a cornear o filho e, depois, a assassinar Inês, como instiga Pedro a cornear Inês e, após a morte desta, encena o seu cortejo fúnebre e o beija-mão tétrico.

Foi também ela, segundo se gaba, quem aconselhou Pedro na localização dos túmulos no Mosteiro da Batalha (motivo que inspirou um acto teatral pouco ou nada conhecido de Claude Henry Frèche). Ela quem, segundo conta, não mais abandonou Pedro viúvo, mesmo quando amancebado com Teresa Lourenço, a mãe do futuro D. João I, mesmo quando aquele se dava a práticas selvagens de vingança e justicialismo!

E assim, pelos tempos fora, da Monarquia à República, da Carbonária aos Ficheiros da Net, passando certamente pela Inquisição, é ainda a anã Maria Miguéis quem, de cambalhota em cambalhota, de chiste em chiste, denuncia a surdez lírica de Pedro para, do mesmo passo, pronunciar a pior de todas as denúncias: a impossibilidade poética do mito de Pedro e Inês, ou seja, a inexistência da própria Poesia.

Abaixo a Miguéis!

Eugénia Vasques

Lisboa, 21 de Novembro de 2006

CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL*

1325 – Morte de D. Dinis, subida ao trono de D. Afonso IV

1326 – Lutas entre D. Afonso IV e os seus meio-irmãos – Afonso Sanches (condenado ao desterro perpétuo) e João Afonso (condenado à morte). Afonso Sanches regressou a Portugal à frente de um exército de castelhanos e lutaram durante cerca de três anos. As tréguas foram assinadas em 1329

1328 – Casamento da Infanta D. Maria de Portugal com Afonso XI de Castela

Casamento de D. Pedro de Portugal com D. Branca de Castela (Não consumado por doença da noiva...)

1336 – Estabelecimento do acordo de casamento entre o Infante D. Pedro de Portugal e D. Constança Manuel, filha de D. Juan Manuel (rival de D. Afonso XI na luta pelo trono de Castela)

1336 - 1339 – Portugal é envolvido na guerra civil castelhana. O rei de Portugal, D. Afonso IV, apoia D. Juan Manuel, rompendo assim os laços estabelecidos com o casamento de D. Maria (entretanto, praticamente abandonada por não ter dado um filho varão ao marido)

1340 – 30 de Outubro – batalha do Salado: Afonso XI de Castela e Afonso IV de Portugal unem-se para derrotar os muçulmanos

Chegada de D. Constança e casamento com o Infante de Portugal. Inês de Castro vem no séquito

1345 – 31 de Outubro – nasce em Coimbra o herdeiro de D. Pedro: o Infante D. Fernando. D. Constança morre de parto

1348 – Violenta epidemia de peste negra

1353 – 1 de Janeiro? - Alegado casamento de D. Pedro com D. Inês, “por palavras de presente” em Bragança

1355 – 7 de Janeiro - Morte de Inês de Castro; guerra entre pai e filho, que termina com a assinatura do Tratado de Canaveses que associa D. Pedro à governação do país

Agosto: juramento do Pacto de Amnistia e Concórdia no Porto entre D. Afonso, D. Pedro, D. Beatriz – D. Pedro comprometia-se a não perseguir os assassinos de D. Inês

1355 - 1356 – Surtos de fome (resultante de más colheitas e da guerra civil) e epidemia de peste negra

1357 – Nasce em Lisboa o futuro D. João I, filho bastardo de D. Pedro e de Teresa Lourenço, de origem galega

28 de Maio – morre D. Afonso IV. D. Pedro sobe ao trono

Morte dos conselheiros em Santarém

1358 – D. Pedro de Portugal e D. Pedro, o Cruel, de Castela assinam um tratado de aliança

1359 – 25 de Outubro – morte de D. Beatriz, mãe de D. Pedro

1360 – 12 de Junho: Proclamação do casamento em Cantanhede

1361 - 1365 – Novas epidemias de peste negra

1362 – 2 de Abril: Trasladação do corpo de Inês de Castro para Coimbra

1363 – D. João é investido no cargo de Mestre da Ordem de Aviz pelo próprio pai

1385 – Cortes de Coimbra em que João das Regras interroga Diogo Lopes Pacheco (93 anos) que afirma nunca ter ouvido falar do casamento

1439? - 49? – *Crónica de D. Pedro I*, de Fernão Lopes

1516 – Publicação do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende

1572 – Publicação de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. O episódio de Inês de Castro surge no canto III (estrofes 118-137) e o da “formosíssima Maria” no canto III (estrofes 102-106)

1587 – António Ferreira publica a tragédia *Castro*

1799 – Bocage publica “Cantata à morte de Inês de Castro” em *Rimas*

1912 – Alfred de Poizat publica a tragédia *Inês de Castro*

1923 – Conde de Sabugosa publica *Bobos na Corte* onde surge a transcrição do codicilo do testamento da Rainha D. Beatriz que refere Maria Miguéis

1956 – Gondin da Fonseca publica *Inês de Castro (1310?-1355); a verdade histórica e a realidade psíquica após seis séculos de fantasia e nevoeiro* (Rio de Janeiro)

1963 – Herberto Helder publica *Os passos em Volta* que inclui o conto “Teorema”

1983 – Agustina Bessa-Luís publica *Adivinhas de Pedro e Inês*

2005 – Comemorações dos 650 anos da morte de Inês de Castro. Fiamma Hasse Pais Brandão publica a peça *Noites de Inês-Constança* e António Cândido Franco o romance *A Rainha Morta e o Rei Saudade*.

*Incluindo as datas de publicação das obras referidas no texto da peça *A Boba*

A BOBA

T.E.C./2008



70 saia alt.
55 corpa alt

colate frente - 90 cm
colate atrás - 50 cm
casaca - 1,80 m + forro
saia - 75 cm



saia
riscã ao alto



cartola
luzes de seda
mi leve
Sai / casaca
saia de baixo

MARIA VIEIRA

Figurina de ricas
e caboret



Fernando Alvarez 2008

OUTROS TEMPOS

“Inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas (Avis e Bragança)”

As responsabilidades políticas da realeza começavam a criar nas raças reais um fundo de excitabilidade nervosa. A organização cerebral apurava-se, requintava e perdia em poder de resistência. Depois, vinham as perturbações nutritivas nascidas duma alimentação defeituosa, duma vida que se começava a «queimar pouco». Daí, desordens braditróficas, perversões de nutrição. O artritismo, diátese da realeza, fixou-se. Os reis envelheciam «revoltos de carne» e calvos. A polisárquia de Afonso II apenas lhe permitia, mesmo na guerra, o uso dum simples saio de escarlata. Morreu de lepra, - talvez de sífilis. Abusava da carne e do vinho, - que abundava. Os nossos reis comiam devoradoramente. Afonso III quis regulamentar a sua mesa, naturalmente por indicação de Magister Petrus ou de Magister Bartholomeus, físicos palatinos, e impor-se um regimen dietético: «que na cosinha del Rey non adubem senon de duas carnes, e a huma seja de duas guizas e aquesto seja em o paço». O próprio D. Pedro I «era muyto viandeiro, suas salas eram de praça em todos lagares per onde andava, fartas de viandas». Nem a terapêutica religiosa do jejum lhes valia. Entretanto, a consanguinidade começava a ser matéria comum nos cruzamentos reais. Algumas vezes, por necessidade política, os casamentos faziam-se com manifesta diferença de idades. Afonso III tinha quarenta e tantos anos quando consumou matrimónio com Beatriz de Gusmão, «a rainha rabuda», que apenas completara os treze. Foi quase um crime. D. Dinis, produto desta união, escolheu para mulher uma pobre infanta taciturna, doente, cheia de alucinações, de perturbações nervosas, - neta paterna de Santa Izabel da Hungria, terceira neta materna de Humberto III, o Santo, de Sabóia. Essa Infanta, tão digna de respeito pela sua doença e pela sua incomparável bondade, foi Santa Izabel de Portugal. As nossas raças reais começavam a degenerar. O segundo génito desta união, Afonso IV, era uma criatura violenta, sombria, quase lúgubre, absorvida no delírio da razão de Estado. Casou com uma segunda prima, D. Beatriz, muito devota de S. Francisco, sempre rodeada de frades, de capelães, inteiramente dominada pelo confessor, o franciscano frei Estêvão da Veiga. De novo o sangue de Izabel da Hungria, de Fernando o Santo de Leão. Acusa-se já a degenerescência na fraca resistência dos filhos: quatro, D. Afonso, D. Dinis, D. João, D. Isabel, morrem ao nascer; D. Leonor, segunda mulher de Pedro IV de Aragão, o Ceremonioso, casa aos 17 anos, e sempre «oprimida de achaques» morre aos vinte, sem filhos. Apenas dois gémitos vingaram: a infanta D. Maria, mulher de Afonso XI de Castela, seu primo co-irmão, - e D. Pedro, depois rei. A primeira foi mãe de Pedro, o Cruel, de Castela, um verdadeiro louco moral, ruivo, gigantesco, sanguinário, uxoricida, quase matricida, «ceceoso un poco en su hablar», marcado de estigmas, «toujours hardy et courageux», prodígio de avareza e de devassidão, de ferocidade e de animalidade. O segundo foi o nosso rei D. Pedro I, um epilético, ao mesmo tempo lúgubre e patusco, cheio de insónias, de terrores nocturnos, gago, cruel, violento, crivado de psicopatias sexuais, dançando de noite pelas ruas ao som de trombetas de prata e acusando o *ictus* convulsivo sob uma forma vaga de «acidentes». Uma forte herança mórbida, largamente capitalizada durante algumas gerações por consanguinidades sobrepostas, dera finalmente, como produtos terminais do ramo dinástico de Bolonha, um epilético e um louco moral.

Sobreveio então a intercorrência regeneradora duma bastardia. Certa fêmea plebeia, Teresa Lourenço, fecundada por esse degeneradão gago e cruel, conseguiu corrigir em parte as taras pesadas da linha paterna, e assegurou, por um génito forte, uma nova dinastia. Esse génito, D. João I, não tem já o tipo alto, esguio, ariano, loiro, decerto dolicocefalo, constante na realeza portuguesa dos primeiros períodos; vem baixo, atarracado, trigueiro, cabelo preto, crânio curto, indicando a influência directa do tipo materno, celto-eslavo, escuro, plebeu. Conserva ainda o feitio epilético do pai, acusa vagos acidentes seguidos de amnésia e suspeitos de «pequeno mal», atribuídos pela medicina do tempo, segundo D. Duarte, a uma cadela danada que o mordera em criança; mas, apesar disso, o trabalho de regeneração é evidente, e acentua-se mais tarde pelo cruzamento feliz com o veio normando de Lancaster. Os filhos de D. João I foram, sem dúvida, os mais brilhantes exemplares das genealogias reais portuguesas. Mas as taras hereditárias da linha paterna, neutralizadas em parte por duas intercorrências regeneradoras, conservaram entretanto a todos eles um fundo de predisposição, um desequilíbrio manifesto e essencial, que os tornou particularmente sensíveis às mínimas influências externas.

Júlio Dantas
(1876-1962)

INÊS DE CASTRO

Amada como nada, como nunca,
no teu corpo de tule e carnação,
com isso a minha mão ao teu cabelo
juntou a coroa impalpável e perfeita.
Amando te coroei, fui eu o trono
a que subiste até que a espada surda
te apeou. Inês, amor, eu é que sei
que depois de rainha foste morta.

Pedro Tamen, *Analogia e Dedos*, Lisboa,
Oceanos/ASA, 2006.

Obra vencedora da 1ª edição do Prémio
Literário Inês de Castro, atribuído pela
Fundação Inês de Castro (2007)

Estavam eles dois postos em sossego,
Cedendo do amor a doce lei,
Quando lá em Lisboa o velho Rei,
Soube do que ia cá pelo Mondego.

Enverga logo o seu real pelote,
Manda fazer a mala à camareira,
E grita: Dai-me cá um bom chicote,
Que eu vou a Coimbra ver a maroteira!

Catrapus, catrapus,
Sobe o seu ginete,
Passa por Queluz,
Entra em Alcochete.
Pela estrada branca
Que no pé se estira,
Chega a Vila Franca
Que chamam de Xira.

E o Infante e Inês tão descuidados,
Com os dedos sobre a mesa entrelaçados.

Num castelo além,
Num cerro,
O Rei diz contente:
Cá está Santarém!

E o Infante e Inês, com a alma em festa,
Trocando beijos no calor da sesta.

[...]

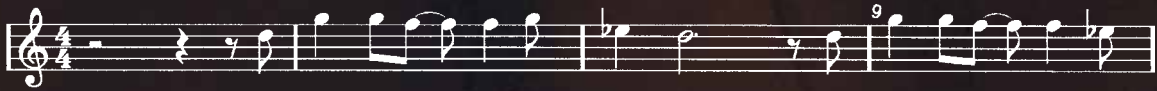
À quinta chegou,
As rédeas largou;
Corcel desmontou.
No pomar parou,
Subtil espreitou.

E agora é que são elas, meus senhores,
Que um luto vai cobrir esses amores!

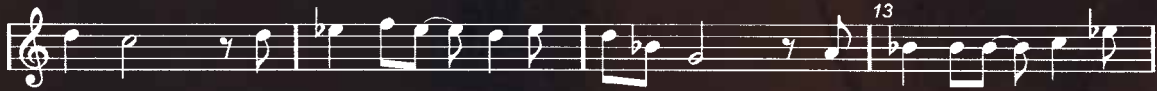
Excerto de *Inês de Castro*, um «drama
jocosos» escrito a seis mãos por Benedita
Pamplona, Olavo Bilac e Eça de Queirós,
1890, Neuilly

= POPULAR =

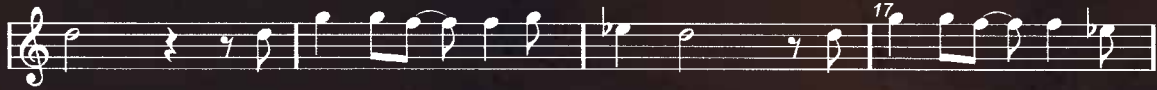
FLUTE



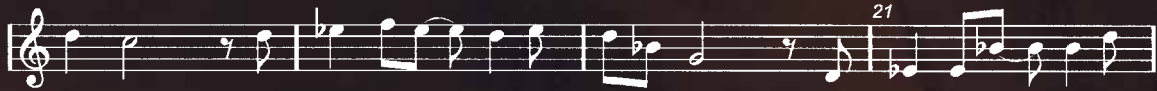
FLUTE



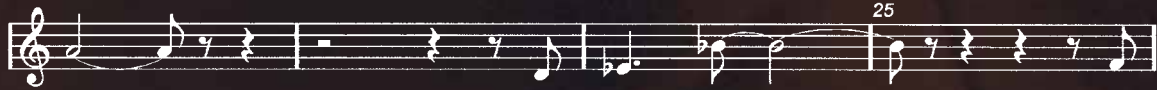
FLUTE



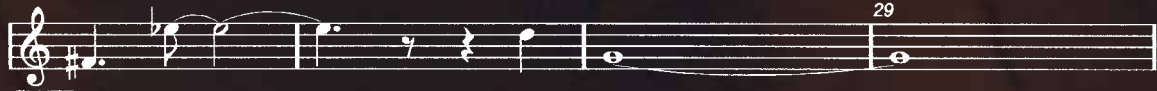
FLUTE



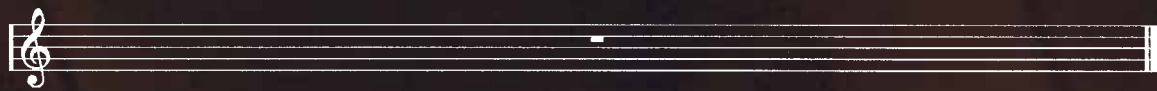
FLUTE



FLUTE



FLUTE



= CABARET =

CLARINETE



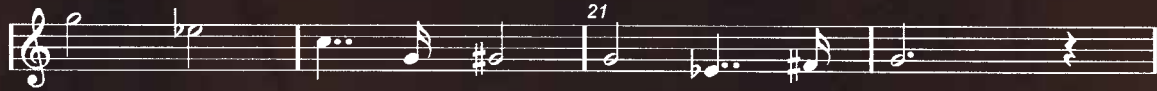
CLARINETE



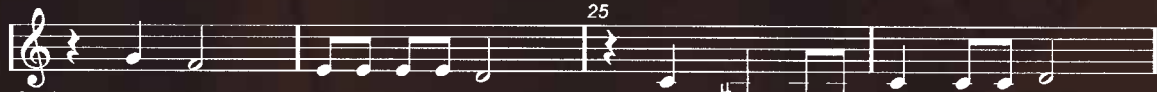
CLARINETE



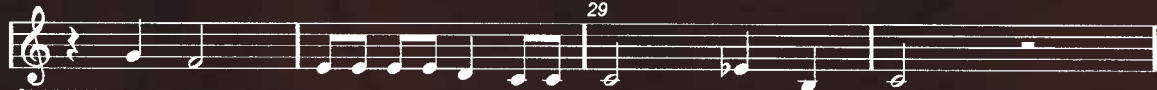
CLARINETE



CLARINETE



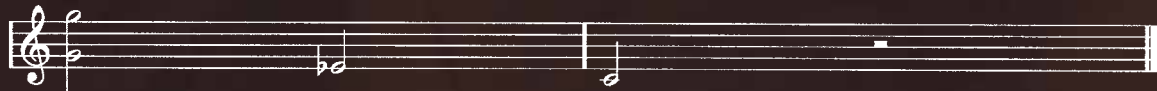
CLARINETE



CLARINETE



CLARINETE



Luís Pedro Fonseca

Partituras para duas canções d' A Boba

HISTÓRIA GENEALÓGICA DA CASA REAL PORTUGUESA

Naõ foy menos generoso com os Vassallos, que inteiro na administração da justiça, EIRey D. Pedro I que nasceo na Cidade de Coimbra, a 8 de Abril de 1320 e a quem as Historias appellidão o Cruel, e outros o Justiceiro. Poderia ter principio este distinctivo, da convenção que fez assim que empunhou o Sceptro, que foy a 28. de Mayo de 1357 com D. Pedro Cruel de Castella, ao qual as tyrannias do seu Reynado fizeraõ merecedor deste nome, mais que ao nosso Rey D. Pedro. Propoz a EIRey de Castella, que lhe mandasse entregar os aggressores da morte de D. Ignez de Castro, que andavaõ naquella Reyno, e que elle o faria de outros, que andavaõ em Portugal. Eraõ estes D. Pedro Nunes de Gusmão, Adiantado mayor de Leão, Mem Rodrigues Tenorio, Fernão Gudiel de Toledo, Fortun Sanches Calderon, que sendo prezos em Portugal, e entregues em Sevilha, foraõ publicamente justicados. Ao mesmo tempo se prenderaõ em Castella Pedro Coelho, e Alvaro Gonçaves, e escapou Diogo Lopes Pacheco por huma casualidade, que pareceo mysterio. Tinha hido à caça, e vendo aquella revolução na Cidade hum pobre, a quem elle todos os dias favorecia, o avisou para que se puzesse em salvo. Foraõ conduzidos a Portugal, e estava em EIRey tão viva a chaga, que lhe abrião com a morte da innocente D. Ignez, que os punio com vingança, a que de ordinario se segue a tyrannia, por ser inseparavel do odio a crueldade, que naõ pó de ter lugar no castigo justo. O que deraõ a estes Fidalgos depois de passarem por diversas injurias, foy tirarse a Pedro Coelho o coração pelos peitos, e a Alvaro Gonçaves pelas costas, e depois foraõ queimados os corpos diante do Paço, donde EIRey estava vendo esta terrivel execução, ao mesmo tempo, em que estava à mesa comendo. Este excesso de vingança, e ainda o modo com que punio alguns delictos, fez na memoria deste Principe duvidoso, se era justiça, se crueldade, a violencia dos castigos. He certo, que nos Principes naõ deve de haver paixões com os Vassallos, de que se possa inferir, que ha mais do que o amor da justiça. Naõ se póde duvidar, que estes homicidas foraõ reos da culpa mais atroz, que se lê nas Historias em homens da sua qualidade.

Corria o anno de 1361, quarto já do governo delRey D. Pedro, quando na Villa de Cantanhede, declarou solemnemente com juramento diante de muitas pessoas grandes, que na Cidade de Bargarça recebera por mulher a D. Ignez de Castro, e que a este Sacramento assistira D. Gil, Bispo da Guarda, que os recebera, e Estevaõ Lobato, seu Guarda roupa, que o testamunharaõ; e assim o fez manifestar ao Povo, lendose-lhe este instrumento e as Bullas Apostolicas da dispensação do parentesco do Papa João XXII de que se tiraraõ varias copias, e foraõ publicamente guardadas em alguns Archivos do Reyno. Na Torre do Tombo na casa da Coroa, na gaveta 17, maço 6 está este instrumento authentico, escrito em pergaminho, com as letras já em partes gastadas do tempo, feito por Gonçalo Peres, Tabaliaõ Geral, em Coimbra a 18 de Junho da Era 1398 que he anno de Christo de 1360 em que estando presentes naquella Cidade, no Paço da Aula das Decretaes, D. Lourenço, Bispo de Lisboa, D. Affonso, Bispo do Porto, D. Gil, Bispo da Guarda, D. Joaõ, Bispo de Viseu, D. Affonso, Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Vasco Martins de Sousa, Chanceller môr delRey, Mestre Affonso das Leys, Lugar Tenente do Chanceller, Martim Vasques, Senhor de Goes, Affonso Domingues, Vasco Martins Marecos, Joaõ Gonçaves, Joaõ Ayres, sobre Juizes, Fernão Gil, e Antaõ Martins, Vigarios geraes da Igreja de Coimbra, e outras muitas pessoas, assim seculares, como Ecclesiasticas, que foraõ chamadas; declarou o Conde de Barcellos D. Joaõ Affonso Tello de Menezes, Mordomo môr, como EIRey recebera D. Ignez de Castro por sua legitima mulher, na fórma, que mandava a Igreja. E neste mesmo instrumento está incorporado, o que EIRey tinha feito da asserção, e juramento em 12 de Junho do mesmo anno, de que foraõ testemunhas o Conde de Barcellos, Mordomo môr, [...] Escudeiros, e outros, feito pelo dito Tabaliaõ Gonçalo Peres. Depois de publicado, e passado à publica fórma este instrumento, o Conde de Barcellos, Mordomo môr, e Vasco Martins de Sousa, Chanceller môr, e Mestre Affonso das Leys, de mandado delRey, tiraraõ depoimento do caso, em que jurou D. Gil, Bispo da Guarda, aos Santos Euangelhos, que sendo Deaõ da mesma Igreja, e Fisico do mesmo Senhor, elle o recebera com D. Ignez, estando em Bargarça, o que haveria sete annos, naõ se acordando do mez, nem do dia, a que estivera presente

Estevão Lobato, criado delRey, o qual agora era morador em Santarem, e entaõ servia a ElRey, o qual jurou fóra chamado para assistir ao dito acto, e que vira, que o Deaõ da Guarda o recebera, o que tudo se lera, e publicara naquella occasiaõ. E ElRey por se livrar de todo escrupulo, fez ler, e publicar pelo mesmo Tabaliaõ a Bulla original da dispensa do parentesco de que se tirou hum transumpto, que se encorporou no dito instrumento, a qual principia: Joannes Episcopus servus servorum Dei dilecto filio Petro, Infanti primogenito charissimi in Christo filii nostri Alphonsi Regis Portugalice, & Algarbii illustris salutem, &c. e acaba: Datum Avinhon decimo nono Calendas Martii, anno nono. Depois de assim publicada a Bulla, e os mais testemunhos, o Conde de Barcellos em nome dos Infantes D. Joaõ, D. Diniz, e D. Brites, filhos delRey, e de D. Ignez de Castro; e Mestre Affonso em nome delRey, e do Bispo da Guarda, requereraõ ao Tabaliaõ, que de tudo o referido passasse todos quantos instrumentos lhe fossem pedidos. Foraõ testemunhas Martim Lourenço, Arcediago de Penella, [...] e outros muitos, que se acharaõ presentes, de que portou fé o Tabalião Gonçalo Peres; e no Tomo das Provas lançamos o referido instrumento por inteiro, que merece se veja. E para ratificaçaõ desta verdade, passando das Escrituras aos marmores, lhe quiz fazer eterna a duração da memoria, mandandolhe lavrar huma sumptuosa, e magnifica sepultura no Real Mosteiro de Alcobaça, para donde fez trasladar o seu corpo, com a mayor pompa, que viraõ aquelles seculos; porque as dezoito leguas, que ha de Coimbra a Alcobaça estavaõ occupadas de hum, e outro lado de homens, que allumiavaõ com tochas, em quanto passava o Real cadaver. Tirado o corpo da sepultura foy vestido, e adornado das insignias da Magestade, e assentando-o em huma cadeira, lhe beijaraõ a mão os Senhores, e Grandes do Reyno, em demonstraçaõ, e reconhecimento da vassallagem. E sobre o Mausoleo, em que foraõ encerradas as cinzas daquella desgraçada Rainha, se collocou huma Estatua sua, lavrada ao natural, com Coroa na cabeça, em que ElRey declarava à posteridade a fé do seu amor, pondo aos olhos de todos este indubitavel testemunho da sua Real asseveraçaõ. Não deixaraõ depois alguns de pôr em duvida este matrimonio; porém saõ tantas as circunstancias, que o asseguraõ verdadeiro, que ainda das mesmas razões, com que o grande Joaõ das Regras o pertendeo infirmar, se colhe o contrario; sobre o que tem escrito diversos Authores, e agora com mayor satisfaçaõ o pó de ler a curiosidade escrito com elegancia, e provado com evidencia na estimada obra do Catalogo das Rainhas de Portugal; a que sómente accrescentarey, além do referido, outro testemunho do mesmo Rey, que parece se não pó de duvidar, e he, que estando para morrer, no seu Testamento, que foy feito no dia antecedente à sua morte, diz estas palavras: Item mandamos, que entreguem aos filhos da Infante D. Ignez, que outro si foy nossa mulher, a quinta de Canidelo, que era sua, e todo aquello, que delta ouvemos, como no deviamos pera o darem por sa alma, como elta mandou em seu testamento. Esta assersaõ delRey he huma indubitavel confirmaçaõ daquelle facto, e quando não houvera outra, esta só bastava para se ter por firme, e valioso; e he de reparar no tratamento, que he o de Infanta, porque naquelle tempo elle não era mais, que Infante. E supposta ainda a demonstraçaõ, depois de morta a coroar Rainha, não lhe chamou mais, que Infanta, não se querendo lembrar dos motivos, que então teve para isso, de que arrependido, e com a verdade daquella hora diz ser ser sua mulher, e como elle não era Rey, e sómente Infante, e pelo matrimonio gozava da mesma grandeza, por isso a nomeya pela Infanta D. Ignez. E acabarey confirmando este ponto, que a Rainha D. Brites reconheceo este matrimónio; pois no seu Testamento trata a todos os netos delle por Infantes, a quem iguala nos legados aos outros, e se elles não foraõ legitimos, lhe não chamara Infantes, porque foy huma Princeza muy grave e - severa, como consta do seu Testamento, que se póde ver.

D. António Caetano de Sousa

(1658-1734)

ESPAÇO MEMÓRIA

REABERTURA

ESPAÇO MEMÓRIA
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

de 1965 a 2003

19.Abril.2008

Exposição temporária

FRANCISCO STOFFEL

O jovem intérprete que pretendia uma renovação
para o fado naquele ano de 1966

Av. Marechal Carmona 6-B Cascais

(junto ao Pão-de-Açúcar)

tel.: 21 486 79 33

e-mail: t.e.c@netcabo.pt

www.tecascais.org



TEATRO
EXPERIMENTAL DE CASCAIS

Zita Duarte em "Ivone, Princesa de Borgonha"

Foto: J. Marques

DIRECÇÃO
CARLOS AVILEZ
JOÃO VASCO

ELENCO
ANNA PAULA
ANTÓNIO MARQUES
FERNANDA NEVES
JOÃO VASCO
LUIZ RIZO
RENATO GODINHO
SANTOS MANUEL
SÉRGIO SILVA
TERESA CÔRTE-REAL

EQUIPA TÉCNICA
cenografia/figurinos **FERNANDO ALVAREZ**
luminotecnia/direcção de montagem **MANUEL AMORIM**
sonoplastia/montagem **AUGUSTO LOUREIRO**
contra-regra/montagem **RUI CASARES**
manutenção de guarda-roupa **VIRGÍNIA PÃO-MOLE**

EQUIPA ADMINISTRATIVA
assessoria administrativa **ANA MACHADO**
contabilista **ANA LANDEIROTO**
secretariado **INÁCIA MARQUES**
digitalização do material documental e fotográfico **TERESA SANCHES**
bilheteiro **JORGE SARAIVA**

EQUIPA ESPAÇO MEMÓRIA DO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
concepção / coordenação geral **JOÃO VASCO**
coordenação de espaço **FERNANDO ALVAREZ**
coordenação audiovisual **SUSANA PAIVA**
maquetas **SOFIA CARDOSO**
web design **FREDERICO REIS**
secretariado **INÁCIA MARQUES**
assistência à exposição **TERESA SANCHES**



TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

financiamentos



Cascais
Câmara Municipal



estoril
Um lugar. Mil sensações.

apoios

